

LEITURA DA LITERATURA: PARA UMA INTERFERÊNCIA ESCOLAR¹

Adalberto José Petry²

RESUMO: Em síntese aqui vem à tona a leitura da literatura na escola e apontamento de caminhos para a interferência escolar. Trata-se de um artigo científico, de orientação e pesquisa, para um trabalho pedagógico promissor à qualidade de ensino da escola pública. Na pesquisa a biblioteca é imprescindível, onde o livro deve ser valorizado também pela comunidade, fora da escola. Até chegar a ser um leitor o educando deve ser instrumentalizado pela capacidade de apreciar a leitura em si, pela assimilação do conhecimento, pela sua apropriação do ato de ler, quer por incentivo dos professores, quer por propaganda ou estratégia escolar, quer por opção ou pela busca de ciência, de sapiência e de prazer em si. Depois destas etapas e sua verificação teórica, tudo com a devida fundamentação, o trabalho enfoca a atividade direta de leitura em sala de aula, com indicação de meios diretos para o fim que se quer: provocar a leitura, fazer a leitura acontecer, e assim chegar à transformação do aluno-cidadão, até efetivar neste o processo que leva à catarse. O estudo confirma a falta de leitura após justificar a importância desta em seus eixos na vida escolar e na vida do cidadão fora da escola. Depois de provar que se deve ler e que não se lê ou que pouco se lê na escola, a pesquisa se voltará à prática ou ao auxílio à prática da leitura. Isso buscando também alguns acréscimos e justificativas para um trabalho escolar interdisciplinar mais promissor.

Palavras-chaves: Literatura. Leitura. Interferência escolar. Proficiência discente em leitura. Êxito escolar.

ABSTRACT: The objective of the present study is to bring up the issue of the reading of literature in schools, attempting to find ways for an active influence on school's part. The study constitutes a very promising pedagogic work aiming at increasing the teaching quality in public schools. Some of the ways in which a student may benefit from reading and, consequently, become a more successful reader are: by learning how to enjoy reading itself, assimilating the knowledge, being motivated by teachers either as a strategy applied by the school or by student's own option, among other factors. After following and theoretically checking these steps, the study approaches the reading activity in class, as well as proposing direct options for accomplishing its objectives, that are: promoting reading, making it happen, and as a consequence, leading to the transformation of this student-citizen, and making it effective. In order to accomplish the objectives of the present study, students' participations in class were taken into consideration. Results demonstrated that there is a lack of reading, justifying its importance in citizen's academic and personal life. After demonstrating the importance of reading and a deficiency related to this process, the study presents suggestions for helping the reading practice in class.

Keywords: Literature. Reading. School's interference. Pupil's proficiency in reading. Academic successful results.

¹ O título refere-se à temática de um trabalho promissor em sala de aula na busca de interferências para incremento do aprendizado através da leitura da literatura no ensino médio preferentemente, com sugestões práticas já vivenciadas em plano de trabalho.

² Adalberto José Petry é professor de língua portuguesa – Ensino Médio, da SEED/PR, do QPM, aprovado no PDE 2007 do governo do Paraná.

INTRODUÇÃO

Ler é fundamental, ler é importante, ler informa, reforma, muda e transforma o indivíduo. Ler esclarece, desenvolve a oratória e enobrece, entre outros. Pretende-se antes de mais provar e argumentar isto com os devidos fundamentos, não deixando para trás nenhum débito sobre a questão:

Ler, escrever, aprender coisas novas, essas atividades mantêm seu cérebro ativo, quem sabe, criam reservas de células e conexões. Estudar sempre algo diferente pode ser um bom jeito de obrigar sua cabeça a pensar mais. Ver TV em excesso vicia e causa danos ao cérebro. O antídoto é exercitar os neurônios com leituras. (SGARIONE, 2006, p. 48).

Vejamos: podemos argumentar que a leitura é um passatempo saudável dos mais importantes, e quem não lê passa tangente pela vida,

Leia mais; viva mais. A intensidade da atividade cerebral dos leitores aumenta, reconhece a ciência da Era da Informação, logo cresce a concepção e a percepção do universo pessoal em geral com a prática de leituras freqüentes.

Leitura é vida embutida na vida, fundamental ao aprendizado escolar e na escola lição-vida. Ler é viajar, dizem, sem de casa sair.

No livro de Magda Soares, *Linguagem e Escola*, por sua vez, temos a confirmação de que se deve, na escola ou não, ler mais e treinar com a língua&linguagem o cérebro na leitura-escola: "*A escola leva os alunos pertencentes às camadas populares a reconhecer que existe uma maneira de falar e escrever considerada legítima, diferente daquela que dominam*" (SOARES, 1994, p. 63).

Como se vê, essa citação de Soares refere-se à norma culta padrão e à variação lingüística e não ao processo de leitura especificamente, mas dá para deduzir daí que "*essa maneira de falar e escrever considerada legítima*" será apreendida também com leitura. Isto é, nada que não se possa alcançar lendo.

Aprenda a língua padrão que dá poder e status, e moral social, a autora prega nas entrelinhas do seu discurso-diagnóstico. E recomenda em sua práxis a automatização da fala e da escrita oficial ao estudante. Como fazê-lo? Ora, em leituras de textos diversos, aí entra a literatura, como forma de apropriação da língua culta, oficial, "poderosa".

CONSIDERAÇÕES: REALIDADE, LITERATURA E ÊXITO NA ESCOLARIDADE

Nos primeiros tempos na escola e a criança aprende a ler e escrever, e isto sim é um verdadeiro Batismo. Dali estará preparada a uma vida integrada ao grupo social a que pertence, à comunidade escolar, para fazer a sua leitura do mundo e de si mesma; através da leitura e assimilação do Conhecimento que os livros oferecem ou têm para oferecer. Claro, não foi à toa que o mundo mudou de cara após a Invenção de Gutenberg.

Sob o ponto de vista pedagógico, só os leitores desenvolvem-se mais na própria escola e também na sociedade fora dela. Tudo encaixado nas teorias de Vigotski, onde pensamento e linguagem fluem juntos a completar-se partindo dos seus pré-estágios na criança, em sua psicologia na obra aqui citada “Construção do Pensamento e da Linguagem”.

Também no estágio inicial do desenvolvimento da criança, poderíamos, sem dúvida, constatar a existência de um estágio pré-intelectual no processo de formação da linguagem de um estágio pré-linguagem no desenvolvimento do pensamento. O pensamento e a palavra não estão ligados entre si por um vínculo primário. Este surge, modifica-se e amplia-se no processo do próprio desenvolvimento do pensamento e da palavra (VIGOTSKI, 2001, p. 396).

Assim, desta citação, conclui-se que a evolução do cérebro conta deste o início com o trabalho de formação da linguagem nos estágios da pré-intelectualidade e da pré-linguagem. Apresenta-se assim os argumentos de que a criança, o aluno ou educando, tem em si o potencial sempre à disposição, para desencadear o desenvolvimento de si mesmo, mas que este desenvolvimento depende de trabalho rigoroso, isto depende. Este rigor será a aplicação de leituras e de atividades com a palavra, o que garantirá, sem dúvida, a elevação também do pensamento. Pensamento e linguagem vão enfim juntos desenvolver-se, isto vai tomar forma no trabalho feito na escola com os indivíduos e... literatura aos alunos!

Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e os secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicitários, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e rela-

tivamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. (BAKHTIN, 1992, p. 263).

Realmente, também será através da literatura e sua leitura que se vai alcançar a amplidão e ter a devida apropriação do código lingüístico e suas abrangências e abordagens nas esferas da linguagem. As apropriações dos gêneros discursivos simples e dos complexos interdependem de um convívio com a língua escrita pleno e abundante, o que requer leitores afoitos e apreciadores da arte da palavra por excelência. Leitores incentivados pela escola, pelos docentes e pela comunidade.

Estas e mais conclusões podem ser tiradas da citação do teórico russo em seus estudos lingüísticos, que são vários e amplos. Ler para ter um convívio completo no universo discursivo e sua diversidade de discursos, e ler literatura acima de tudo é a deixa final e objetiva que vem a calhar.

Também, discorrendo dentro do que pode-se conferir em Bakhtin, em “Gêneros do Discurso” e “Estética da Criação Verbal”, segue-se assim aqui de certa forma o que dizem vários teóricos de respaldo, incorporando citações das obras ao texto e fazendo relação com a proposta de leitura da literatura na escola.

Ainda, neste trabalho de leitura da literatura na e para a escola, e para a vida, no que concerne à teoria de Bakhtin dos enunciados e do discurso, deve entrar em discussão também a questão dos sujeitos do discurso assujeitados na sociedade. Seriam aquelas pessoas sem identidade de autores, no escrever, e de leitores, no ler. A leitura vai vir a ser então um versátil aparador de males do intelecto humano no que confere à linguagem e o convívio humano na sociedade, quer para um fim ou para outro. Ela vem a ser o meio eficaz para a elevação do ser no que confere à sua intelectualidade e versatilidade em trabalhos e ações daí advindas.

Sujeitos assujeitados; por exemplo, no que dá para entender através de Bakhtin, pelo que ele discorre ao longo de sua, seriam copiadores, agentes sem identidade, de um universo social e lingüístico pobre; onde não se cria, mas se copia ou se imita. Assim, o aluno deve ser trabalhado antes de tudo para ser Um, um sujeito de postura, autêntico, através de leituras de uma literatura autêntica (a brasileira, por ex.). Isto pode fazer dele um sujeito de presença, de identidade, um sujeito original em seu discurso dentro de sua pátria. Quem não sabe disso, aproveite para sabê-lo aqui em tempo.

Assim, não se deve querer "só ser" um bom aluno, um bom professor, um

bom empregado, um bom patrão ou, em geral, um bom cidadão. Qualquer um poderá sê-lo, vivendo, estudando e aprendendo na condição de exemplar leitor. No entanto não se trata de um golpe de mágica, ou algo para enganar os ingênuos, trata-se de crescimento individual e social num trabalho sério de leitura que envolve o ser intelectual em seus estágios na mente.

É preciso, no entanto, querer e fazer, *"assumir a condição de leitor – ativa por excelência – é, portanto, liberar em nós mesmos a capacidade de atribuir sentido aos textos, como aos gestos e à vida"* (ZILBERMAN, 1986, p. 40).

O que resta ao educador então é fomentar a leitura fundamentalmente nas séries iniciais, levando a criança aos livros na escola, pois ela contém a apreensão da própria vida em si. Dentro da recomendação final de que ler é saber e *"saber cada vez mais é um dever do povo"* (FAUNDEZ, 1989, p. 45).

A escrita para ser boa exige dinamicidade, autonomia e automatização com a linguagem e os códigos imanentes. Vale bem aqui citar contra-argumentos para justificar tais afirmativas:

Quer dizer, nesse caso, o vocabulário é pobre porque ao mesmo tempo que preenche o espaço, esvazia semanticamente o texto. Mas, muitas vezes, o sentido subjacente à expressão é o de que, na verdade, o aluno utiliza poucas palavras que têm distinção, ou seja, o que o sustenta é uma concepção mais ou menos feudal de língua e de palavras: existem aquelas que são de origem nobre, testemunhos de uma certa elevação espiritual, moral e intelectual, e existem aquelas que nasceram no rio, sem eira nem beira, estigmas do prosaico e da vulgaridade. E, no que diz respeito à escrita, essa concepção parece um tanto mais generalizada: via de regra, o aluno aprende a encerrar o papel como o espaço imaculado de uma expressão erudita e exemplar, que naturalmente, exclui qualquer intimidade adquirida na manipulação da linguagem em atividades pessoais e cotidianas: a sua linguagem ordinária é vista como uma escrita muito da ordinária (PÉCORA, 1989, p. 41, 42).

Problemas de redação e discurso por vocabulário pobre, o qual não o seria em um agente da escrita ou aluno proficiente em leitura de obras literárias diversas. Há de se negar que quem lê possui na mente e à ponta da pena bom acervo de palavras? Parece que não. Logo, quem lê não apresenta linguagem assim tão ordinária e muito menos, em contrapartida uma redação "muito da ordinária". Uma "expressão erudita e exemplar" não seria nenhuma coisa de outro mundo para um bom leitor em qualquer circunstância.

Acredita-se assim, que o leitor da boa literatura deve automatizar o uso ou os

usos da língua, inclusive apropriar-se de recursos que deverão ir além do mero exercício da boa redação, inspirado e instrumentalizado pela criatividade dos prosadores e dos poetas. Logo, quem lê não enfrentará problemas com a língua oficial ou dita culta, mas esta deverá “ter problemas” ou até “acréscimos fora dos protocolos” pela contribuição de quem lê, de quem aprendeu a ler, de quem procura ser leitor por preparo escolar ou vocação ou voluntarismo.

Assim aprende-se a ler na escola, a escrever na escola, e esta representa algo ou um mundo de relações e práticas escritas convencionadas, onde entramos na língua padrão, na “linha” inescapavelmente. Tudo isso *“refere-se exatamente a uma sobreposição às condições específicas de produção da escrita de uma concepção de escrita que é veiculada pela escola”* (PÉCORA, 1989, p. 45).

Fica então o compromisso de qualquer estudante acertado de antemão com a busca do domínio, ou dos domínios, da língua padrão, tanto na leitura que o leva a escrever cada vez melhor, quanto na escrita. O caminho a seguir, ou um dos caminhos mais adequados e que fica aberto para ser trilhado, é a busca da literatura e seus livros, quer de contos, crônicas, poemas ou romances, etc., de certa forma isto também porque, por ser arte, literatura tende a ser mais cativante. Isto além das revelações que dispõe sempre a oferecer.

Entende-se aqui que, ao ler isto, ao ter este tipo de prática de leitura, além de apreender a realidade e a automatizar os usos oficiais e regrados da língua, o aluno ou estudante torna-se, ou capacita-se cada vez mais a ser sujeito em seu discurso, quer escrito ou falado. Contrapondo-se ou não enquadrando-se mais ao sujeito assujeitado do discurso e da língua, propalado e descoberto pela pesquisa e teorias de Bakhtin.

REALIDADE E LITERATURA NA ESCOLA: PARA UMA MELHOR INTERFERÊNCIA ESCOLAR

Veja-se aqui onde a realidade emerge mais e eficazmente da literatura e da ficção, pela sua natureza de arte livre e que passa pela tangente dos rigores da lei, e das retaliações e cobranças sociais mais diretas ao autor. Vejamos aqui *Leitura em Crise na Escola* como as coisas se passam:

É a escrita, por conseguinte, que assinala o caráter enigmático da expressão, propondo-se a uma leitura que, para ser fiel à sua nature-

za, qualifica-se inevitavelmente como decifração. Assim sendo, se o ler conformava de antemão o relacionamento original do indivíduo com o mundo circundante, a expansão de sua prática demanda a metamorfose deste texto, imagem derradeira da aspiração de soberania do ser humano sobre o ambiente que o rodeia. Porém, nesta conversão, o real não se dobra, senão que emerge mais uma vez da sua obscuridade de origem, reclamando um desvelamento. (ZILBERMAN, 1986, p. 18-19).

Verifica-se na autora e seu texto, a revelação da realidade do texto literário, no caso, numa descoberta e identificação com a realidade do leitor. A vida aparece na literatura próxima do que é, sem se dobrar, no avanço que representa o texto produzido e investigado, interpretado, lido. Ainda para ratificar as afirmações e argumentações, fica evidente em "*Leitura em Crise na escola*":

Verifica-se em que medida a leitura da literatura reproduz a convivência com o mundo exterior, e também esta é uma modalidade de lê-lo. E por que esta ação não pode prescindir do objeto fixado pela escrita – texto literário – sob pena de se tornar um exercício estéril, já que esvaziado daquilo que consiste no seu destino. Por sua vez, esta atividade de decifração traduz um adentramento no real, porque o texto age como uma síntese dele. Neste aspecto, a obra de ficção, fundada na noção de representação da realidade, exerce este papel sintético de forma mais acabada, fazendo com que leitura e literatura constituam uma unidade que mimetiza os contatos palpáveis e concretos do ser humano com seu contorno físico, social e histórico, propondo-se mesmo a substituí-los.

Em virtude disto, se o ato de ler se configura como uma relação privilegiada com o real, já que engloba tanto um convívio com a linguagem, como o exercício hermenêutico de interpretação dos significados ocultos que o texto enigmático suscita, a obra de ficção avulta como o modelo por excelência da leitura. Pois, sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada. Pelo contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche estas lacunas, dando vida ao mundo formado pelo escritor. Deste modo, à tarefa de deciframento se implanta outra: a de preenchimento, executada particularmente por cada leitor, imiscuindo suas vivências e imaginação. Caracterizando a experiência fundamental da realidade, a leitura pode ser qualificada como a mediadora entre cada ser humano e seu presente. (ZILBERMAN, 1986, p.19).

Ora, ao estudante, da leitura vem o conhecimento de si e do mundo, isto torna injustificável a negação e a falta de um trabalho sério de leitura da literatura, contos, poemas, romances, mesmo em aulas de matemática, física, educação física, química e por aí currículo escolar além. A literatura vai propiciar ao discente, na es-

cola, e ao leitor fora da escola, uma travessia e um longo passeio pelo universo de si mesmo, pelo universo da sociedade e suas esferas, que está também em si mesmo, e pelo universo na estrutura da química, da física, da história e da geografia do mundo, e dos mundos circundantes.

Em primeiro lugar, não é que o leitor antes houvesse sido desconhecido. Krauss, a quem já nos referimos, havia advertido: Como a palavra, como uma frase, como uma carta, assim também a obra literária não é escrita no vazio, nem dirigida à posteridade: é escrita sim para um destinatário concreto. (COSTA LIMA, 1979, p. 15)

Certo, deve haver um leitor alvo, ou pelo menos deve a escola encarregar-se de produzi-lo? Sim, pode-se responder. Cabe ao banco escolar levar o aluno ao melhor livro, ao livro da boa literatura mais engajada então ao livre arbítrio e suas filosofias, à democratização do saber em todos os seus aspectos, indo da filosofia e da arte à ciência.

A literatura pode ser uma ferramenta, e sua leitura e metodologias de trabalhos com leituras passam assim de simples atividades de língua portuguesa a recursos pedagógicos na esfera interdisciplinar. Isso num contexto escolar onde a leitura da literatura deve ser considerada em todas as disciplinas, mesmo porque diretamente às favorece. Esta valorização deve ser feita em debates, discussões, dramatizações e exposições, bem como apresentações de trabalhos discutindo a realidade da vida e do mundo envolvida nos temas da obra lida, podendo também envolver conteúdos do programa, em maior ou menor escala. Vejamos:

Aqui, kant se revigora, em vez de se reduzir a um clichê inerte. Na experiência estética, o sujeito tem a possibilidade de se afastar de si, de seus hábitos e valores cotidianos, para se experimentar na alteridade da obra. É inegável, pois, o ganho da interpretação. (COSTA LIMA, 1979, p. 23)

No âmbito interdisciplinar com a leitura da literatura propõe-se a ampliação dos conhecimentos em outras áreas. Quem lê literatura pode avançar na apropriação de conteúdos de história, geografia, filosofia, física, matemática, química e outros. Como isso se dá?

Ora, pelo fato de que a literatura revela o mundo, revela a realidade, amplia a visão e os horizontes dos leitores. Assim, um romance histórico, regional, urbano, sertanejo ou político, entre outros, vão dar conhecimentos importantes ao leitor nes-

sas áreas, indubitavelmente. Por exemplo, um romance regionalista vai acarretar acréscimos históricos e geográficos, idem culturais e artísticos, da região contexto da trama envolvendo as personagens da obra.

Logo, quem lê cresce e melhora, amplia seus horizontes já num primeiro resultado da leitura, apossa-se e apropria-se das informações contidas no livro lido, muito embora sendo ficção, pois esta ficção parte antes de tudo da realidade no caso de uma boa literatura, surgem aí temas transversais também a serem discutidos em qualquer disciplina escolar.

Sim, fica evidente a melhora na cultura geral e bagagem de conhecimentos do aluno-leitor. Através do quê? Ora, ficou bem dito: da interpretação primeira e de outras interpretações possíveis e cabíveis.

Depois ainda, segue o autor com Kant:

Ela, contudo, encaminha para uma conclusão que ainda parece insatisfatória. Definida a experiência estética, Jauss considera poder inferir as três categorias básicas, a poiesis, a aisthesis, a katharsis, que, segundo infiro, deverão presidir a teorização da arte. A falha do raciocínio é prévia à sua feitura: prende-se à suposição de que a experiência estética contém necessariamente um potencial renovador. Isso será verdadeiro apenas no caso de êxito absoluto. O *parti pris* era indispensável para justificar a crença do autor no potencial de renovação da sociedade que conhecemos. Gostaria que isso fosse inquestionável. Mas da data do original, 1977, para cá, é a sensação contrária que se acumula. (COSTA LIMA, 1979, p. 22)

Do ponto de vista defendido pelo autor, apesar de sua época, possível seria assim a renovação do leitor, sua sensibilização, sua catarse e sua, enfim, completa mudança pela leitura da literatura, iniciando-se pela estética da recepção, que vem a ser a apropriação das significações dentro do universo interior de cada um. Na estética de recepção o leitor vai se identificar com a obra, o aprendiz para si trará as lições da vida na obra.

Assim que através da estética da recepção o sujeito leitor vai atribuir, não só corriqueiras ou novas interpretações ao livro lido e vivido, mas, através da leitura da literatura, os significados da sua vida dentro das obras lidas. Cada obra será um mundo novo a recriar no receptor outros mundos. Seriam aí as questões das identificações na apreciação estética da obra literária.

Fazer o aluno ler, fazer ele gostar de ler e degustar da literatura, arte da palavra máxima dos povos, e entendê-la, apropriar-se dela mesmo em partes, isto já

conferirá resultados inacreditáveis. Alguns exemplos, entre tantos, é o desenvolvimento de uma escrita competente, de uma ampla retórica para argumentações das mais diversas, quer via escrita ou mesmo oral.

Quem há de duvidar, por exemplo, que Machado de Assis tornou-se tão poderoso escritor, e que será visto e analisado na conclusão deste artigo, pela prática de diversas leituras? No bojo de todas as questões que leitura da literatura suscita, uma delas é que o leitor aprende também a criar para, quem sabe, poder tornar-se também mais um, ou outro, artista da língua escrita.

Fazer ler, quer pela linguagem num trabalho ultrapassando “*o domínio mecânico dos processos de leitura e escrita para se transformar num trabalho com as múltiplas dimensões da linguagem potencializadas pela tecnologia*” (DAL MOLIN, 2005, p. 143).

Todos que possuem acesso à informática podem desenvolver assim o potencial de leitores por excelência. Quem há de negar que o computador oferece hoje bibliotecas virtuais das mais diversas, para os mais diversos usos?

De fato, há recomendações: deve-se usar multimídia, o computador, mesmo porque a boa leitura e os acervos de boas leituras e bons livros estão também no computador. Assim é hoje mais fácil achar material literário para fazer leitura na escola e em casa, sendo tudo facilitado pelos acervos virtuais.

Os alunos mais pobres podem usar os computadores da escola, como é o caso dos laboratórios de informática nas escolas públicas. Já os que têm condições; estes compram seus computadores e ligam a sua própria internet. Outros ainda podem usar computadores de terceiros, amigos e etc. ou dos locais em que trabalham ou ainda dos locais que oferecem o serviço para usuários de computador e internet mediante pagamento.

Cogita-se que cabe ao governo e aos gestores do sistema também fazer sua parte e oferecer acesso ao micro e à internet à clientela pública; afinal, fala-se tanto em democratização do ensino e em escolas para todos. Prega-se cada vez mais a promoção da inclusão ao ensino, quer virtual ou não, para que se apropriem dele os integrantes da população, independente de classe ou grupo social.

O que se deve levar em conta é que cabe ao ensino e seus agentes promoverem, aos nele incluídos, a leitura de forma eficaz e dinâmica. Quer através do livro em corpo presente e manuseável ou através da informática e seus recursos.

Ainda em *Leitura Em Crise na Escola*, sobre a Importância da Leitura, em suas constatações, é citado que “*Todas as propostas curriculares analisadas reconhe-*

cem a importância do processo de leitura” (Cattani e Aguiar, 1986, p. 25) Isto é o que o que as autoras constataam no 1º Grau, vindo a analisar documentos que enfatizam em todos os aspectos, na escola, a importância da leitura em si.

Depois, sobre o material de leitura, nas leituras tão indicadas e tão importantes que deveriam ser feitas na escola, a escolha do livro para a leitura é fundamental: *“entretanto a insistência maior diz respeito aos textos mimeografados, escritos na lousa, presentes nos livros didáticos (...), menosprezando-se, assim, o livro, sobretudo o livro literário, raramente indicado”* (ZILBERMAN, 1986, p.2).

Desta forma, aqui, o nosso trabalho será voltado para o livro, mesmo porque a proposta de trabalho está voltada ao Ensino Médio, preferencialmente, onde as leituras e análises poderão ser trabalhadas com mais zelo e compromisso, mesmo porque ali há mais maturidade para avançar na leitura e podem alargar-se os interesses de leituras diversas, inclusive pela proximidade do vestibular; sendo este sempre um alvo promissor ao bom leitor.

Com a escolha de livros no trabalho, a proposta é promover discussões no cronograma, debates e mesas redondas, além de produções escritas, como dissertações, relatos interpretativos e outros. Indo aqui na brecha:

A indeterminação – que não é exclusiva ao texto literário mas nele se acentua – “encarna uma condição elementar do efeito” (ibidem., 230), que, de sua parte, é motivado pela presença na cena textual de “lugares vazios” (leerstellen). Estes podem ser definidos como relações não-formuladas entre as diversas camadas do texto e suas possibilidades de conexão. Exemplo simples: em Dom Casmurro, Bentinho, na melancolia da velhice, acusa Capitu de havê-lo traído: Bentinho, contudo, é a única voz que se ouve, aquele cuja narração não é contestada por nenhum outro personagem, além de ser um experimentado advogado. Além do mais, Bentinho não esconde que, desde criança, se caracterizara por ser uma maria-vai-com-as-outras. Cada um destes segmentos entra em choque com os demais e cria um lugar vazio. Caberá ao leitor suplementar o(s) vazios(s) assim criados(s) pois, do contrário, o enredo não “fluirá” (COSTA LIMA, 1979, p. 26).

O que se pretende é explorar, além da interpretação, além do contexto histórico, além da temática, além da linguagem, dos costumes, da visão de mundo e da época, etc., a movimentação do leitor dentro da narrativa, fazendo-o posicionar-se no discurso da obra estudada.

Aqui, em espécies de *vazios textuais ou brechas para a leitura como recurso pedagógico*, pretende-se direcionar, a partir de citações e argumentação, o procedi-

mento ou procedimentos, alguns pelo menos, para direcionamentos da leitura da literatura. Tudo para usá-la com eficiência como recurso pedagógico, quer disciplinar ou interdisciplinar. Vejamos para iniciar o enfoque e o debate então em Leitura:

De um mesmo texto, duas leituras diferentes. Portanto, o texto não preexiste à sua leitura, e leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa; é no processo de interação desencadeado pela leitura que o texto se constitui: “Cada leitura é nova escrita de um texto. O ato da criação não estaria, assim, na escrita, mas na leitura, o verdadeiro produtor não seria o autor, mas o leitor” (ZILBERMAN & SILVA, 1988, p.26

Pronto! Se a questão é o leitor, então só nos resta usar a escola para construí-lo, ou encaminhá-lo à leitura mais favorável e útil para si mesmo e para a humanidade, ou seja, a sociedade. O compromisso para o eficaz leitor-aluno vai recair sobre, antes, um eficaz, mais eficaz ainda, professor-leitor. Fica a pergunta: como fazer isto numa escola onde os professores não gostam, não querem ou não sabem ler?

Qual a proposta para a resolução desse problema de professores que não lêem? Como alguém que não é leitor poderá formar um leitor?

Fica a lacuna, que deverá e só poderá ser preenchida com um trabalho sério de leitura envolvendo todos os professores. As Propostas Políticas Pedagógicas das escolas devem ser elaboradas planejando-se a formação de professores leitores produtores.

Agora, com professores que lêem, vai-se ao livro e encontra-se o vazio. Deixar o aluno ler, fazê-lo ler e depois conduzi-lo no vazio em exercícios, testes, produções escritas, mesas redondas, debates, discussões, exposições, apresentações... ou antes de sua leitura estar de olho na brecha e induzi-lo?

Claro, o professor deve programar sua aula, e as leituras para os seus alunos. Indo em frente, ainda na p.26 da obra em questão:

Orlando (1983) afirma que “a leitura é produzida” e cria o conceito de condição de produção da leitura de um texto” ; “É na sua interação que os interlocutores instauram o espaço da discursividade. Autor e leitor confrontados definem-se em suas condições de produção e os fatores que constituem essas condições é que vão configurar o processo da leitura”. (...) “O leitor, na medida em que lê, se constitui, se representa, se identifica. A questão da compreensão não é só do nível da informação. Faz entrar em conta o processo de interação, a

ideologia.” (ZILBERMAN & SILVA, 1988, p.26)

Assim, propõe-se promover a leitura, fazer ler na escola, num primeiro momento, depois ajudar a construir o leitor. Por que não? Ao nível das informações entraria interpretação, discussão e provocação à interdisciplinaridade.

Ao nível de interação e esfera ideológica podem ser colhidos resultados promissores, vindo a ser ideologia aqui certa postura autêntica do leitor sobre a realidade da vida, com convicções, razões e valores sociais, também políticos. Fique claro que ensinar a leitura com a bandeira de um ideal leva a um maior engajamento com a vida real. Isto em todas as disciplinas, além da língua portuguesa e suas literaturas, e há espaço para tanto. Por exemplo, discutir o país, questionar a sociedade, filosofar, debater ciência, história, geografia, etc. Logo se vê, tudo pode ser pretexto para provocação e discussão, e interpretação, e interdisciplinaridade, que é o envolvimento de outras disciplinas e matérias escolares, além do português e da literatura no “ler” e no “fazer ler”. Não é porque se leciona português que não se deve aprofundar as questões e ir além, com temas transversais suscitados pelas leituras no âmbito escolar.

Ver a citação:

Minhas discussões a respeito da leitura, enquanto proposta para considerá-la na perspectiva discursiva, têm objetivos externos e internos.

Um dos objetivos externos é problematizar, ou melhor, questionar os processos de produção da leitura junto aos que trabalham com seu ensino.

O objetivo interno é apreender, no domínio do discurso, o funcionamento da “compreensão”: o que é, quais são seus mecanismos, o que representa em termos de discurso, etc.

Por sua vez, a reflexão sobre o funcionamento discursivo da compreensão tem, como veremos, um retorno que incide sobre uma questão crucial para a própria análise do discurso: a constituição dos processos de significação. Não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos. E o faz, não como algo que se dá abstratamente, mas em condições determinadas, cuja especificidade está em serem sócio-históricas (ZILBERMAN & SILVA, 1988, p.58).

Ainda mais que isso, fica evidente a apropriação do texto pelo leitor-aluno e professor, isto em qualquer disciplina, como se vê, p. 58 - 59:

Quer dizer: quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os). Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção

dos sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada. (ZILBERMAN & SILVA, 1988, p.58 -59).

Pode-se argumentar aqui, nas afirmações de Zilberman & Silva que essa citação é muito importante e deve ser discutida de forma mais esmiuçada. Tudo porque a produção de sentidos, a reprodução de sentidos e a sua transformação levam à transformação do indivíduo através da leitura. O que pode levar até à efetivação da catarse no bojo das transformações acontecidas neste. Contando ainda que a leitura leva a participações no processo sócio-histórico, onde o indivíduo autor passa a direcionar-se a ponto de tornar-se não mais mero espectador, mas agente transformador do seu destino na esfera social-existencial. Tudo porque passa a ter idéias mais autênticas, próprias. Desta forma, o leitor vai passar a construir também a história de sua trajetória no mundo, preparado e desenvolvido pela construção, através da leitura e suas apreensões, de seu pensamento em linguagem complementado. Ler, falar, refletir com os livros e através dos livros, assim este leitor produzirá sentidos que farão ou poderão fazer a realidade de sua própria vida ter até mais sentido. Quem duvida poderá sanar esta dúvida lendo, assim terá condições de avaliar melhor os efeitos das leituras na sua própria vida.

UNS ACRÉSCIMOS PARA MAIS LEITURAS NA ESCOLA

O que fazer na sala de aula? Dentro de algumas diretrizes, pretende-se assim auxiliar o docente em seu trabalho de estiva, isto é, que muito esforço exige sempre. Pois na escola deve-se fazer o que esta recomenda, trabalhar o conhecimento e a formação do leitor vai de carona. Ver:

“Com base, então, nos pressupostos teóricos de Antônio Cândido, sobre a interação social obra/autor/leitor, nas sugestões de teóricos alemães, acerca da recepção do texto ficcional. E sob orientação do Método Recepcional, proposto pelas professoras Maria da Glória Bordino e Vera Teixeira de Aguiar, na obra *A Formação do Leitor* (1993), pode-se, por meio da leitura do conto e do texto dramático, desenvolver uma prática pedagógica de produção escrita intertextual, para alunos do Ensino Fundamental e Médio. As ações que concretizam a proposta em questão podem se desencadear em cinco etapas”. (ALEXIUS, LÂNGARO e ALVES. 2006. p. 163)

Notar que as etapas sugeridas podem incrementar a leitura e a sua prática na escola, ou seja, via sala de aula. Aqui elas virão de encontro à proposta de motiva-

ção, com ações concretas, tudo em prol da fomentação desta na ação do professor. Crer na solução do fazer ler, e arregaçar as mangas? Pode ser. Baseado em Jauss, aqui pelas autoras pesquisadas seguem as etapas, que são cinco. Vamos ver: “*Na primeira – determinação do horizonte de expectativas- desenvolvem-se estratégias com vistas a observar as preferências de leituras dos alunos*”. (JAUSS apud ALEXIUS, LÂNGARO e ALVES. 2006. p. 163)

Ver nesta parte a escolha pelo aluno na indicação do professor. O estudante será orientado a escolher aquele livro específico, onde poderá identificar-se em sua vida, em sua história, em seu modo de ser e de estar no mundo. Para tanto, o professor deve ser conhecedor do seu aluno, e também precisa ser o melhor leitor, para poder indicar a obra. Também o aluno pode ser deixado à vontade para escolher por si, mas com risco de empolgar-se pelas aparências, pela capa, pelo título, dada a sua imaturidade. Aqui, saber a preferência de leitura dos alunos é fundamental para fazer a interferência e poder “aplicar as doses de leitura”.

“*Na segunda, atendimento do horizonte de expectativas contempla-se a leitura de textos ficcionais passíveis de satisfazerem às expectativas dos alunos* (JAUSS apud ALEXIUS, LÂNGARO e ALVES. 2006. p. 163). Aqui a questão é satisfazer, ao fazer ler, o aluno leitor. Histórias e romances, textos de anedotas, crônicas, aventuras e outros, tudo para a satisfação primeira, como uma isca na armadilha. Seria o pretexto para fazer ler, a chama, o palito de fósforo para desencadear a labareda da leitura no educando.

Depois, ainda, “*Na terceira – ruptura do horizonte de expectativas – disponibilizam-se para os alunos textos ficcionais mais complexos, que contrariem as suas convicções e visem à ampliação dos seus horizontes de expectativa*”. (JAUSS apud ALEXIUS, LÂNGARO e ALVES. 2006. p. 163). Claro, nesta etapa o aluno já deve estar vacinado com leitura, já deve ser um mal formado ainda, mas leitor, no mínimo.

Continuando, “*Na quarta etapa – questionamento do horizonte de expectativas - solicita-se que os alunos estabeleçam relações comparativas entre as leituras efetuadas em sala de aula e avaliem as que lhes proporcionam maior satisfação, como também se solicita que justifiquem os seus pontos de vista sobre as obras lidas*”. (JAUSS apud ALEXIUS, LÂNGARO e ALVES. 2006. p. 163). Notar que neste item ou etapa a voz do aluno será ouvida e comentada. Nesta hora a expressão oral, a comunicação, a exposição e o debate devem ser avaliados e trabalhados, bem como a expressão escrita. Em suas manifestações sobre as leituras, o aluno será reforçado com intervenções do professor. Seus textos sobre o as-

sunto poderão ser trabalhados e os implícitos das obras lidas, pelo menos alguns, podem ser desvendados pelo docente..

Por último, “ *Ampliação dos horizontes de expectativas – os alunos expressam as suas experiências com a literatura, na elaboração de narrativas*”. na quinta etapa (JAUSS apud ALEXIUS, LÂNGARO e ALVES. 2006. p. 163). Aqui a leitura vai conduzir ao processo de produção escrita, motivando o aluno a escrever, quer continuando suas leituras, quer parafraseando-as, quer criando a partir delas, ou mesmo inventando, com base na experiência de leitura vivenciada, novas histórias completamente diferentes. Sendo isto já um bom resultado.

Agora, para tanto, no mínimo, enquanto prática social, a leitura precisa de instituições que viabilizem o contato de leitores com livros, textos impressos em geral. Entre tais instituições bibliotecas e livrarias são essenciais. Para mostrar a realidade e a vida através da leitura, para construir a história de novas vidas, indo a partir da escola mais adiante.

PARA UMA INDAGAÇÃO FINAL SOBRE LEITURA NA ESCOLA

Amplo demais seria aqui um debate sobre o universo de uma política séria de leitura nas escolas. Em partes, deve-se antes propor aos professores que dêem o exemplo de bons leitores aos seus alunos, que conheçam a maior variedade possível de obras literárias para que possam explorar o discurso docente e explicar sobre elas, despertando a curiosidade e a vontade de ler. Esta tarefa não deve ser apenas do professor de língua, mas de todos, numa voz uníssona a favor da importância de ler. Uma boa propaganda funciona sempre, por isso todos devem professar na escola a favor da leitura. Os pais também devem em reuniões ser conclamados a incentivarem, com recompensas ou não, os seus filhos a ler.

O professor, uma vez engajado na causa da leitura na escola, dará o impulso inicial, incentivando os discentes. Para tanto deverá ajudar a escolher bons livros, obras que possam se identificar com cada aluno e assim por diante. Um outro passo é promover discussões sobre as obras lidas, dramatizações de enredos, declamações de poesias, ajudando o aluno-leitor a se identificar, a produzir sentidos nas leituras, a encontrar-se nas obras lidas, a reproduzir sentidos e a transformá-los também. Quais sentidos? O sentido das coisas, o sentido do amor, o sentido da causa política nacional, o sentido da vida e o sentido de si mesmo. Isto acabará levando-o

a encontrar-se além das aulas de filosofia, história, português, sociologia, geografia, artes, matemática, etc. tornando-o um sujeito presente cada vez mais nas aulas e na sociedade.

De olho nas leituras dos alunos, o professor, pela sua bagagem, favorecerá de certa forma estes a encontrarem o seu lugar na história, a avaliarem e analisarem a história, e a se posicionarem, no seu lugar, dentro da história. O docente assim será não um mero agente pedagógico no seu trabalho em sala de aula; mas um libertador através da bandeira de luta que se chama livro.

Para tanto, os alunos precisam ter livros à mão para fazerem escolhas, e aí entram os acervos, quer virtuais ou da biblioteca, que são imprescindíveis.

Outro passo a ser dado seria a recompensa ao aluno pela leitura, após a sua comprovação. Uma nota a mais não vai fazer mal a ninguém, nem distorcerá o programa educacional, que só tende a ganhar com alunos bons leitores nos bancos escolares.

Enfim, há um leque infindável de propostas que podem dar certo. No entanto, a leitura pode ser um sucesso na escola só com uma condição fundamental; sem esta e estará fadada ao fracasso: tem que ser levada a sério. Pensar só em conteúdos e deixar a leitura em segundo plano põe tudo a perder. Nas escolas, uma aula por semana, no mínimo, deveria ser de leitura; a escola deve montar o seu programa e na sua proposta oferecer, vez ou outra, um dia dedicado à leitura envolvendo todos, professores, funcionários e alunos.

Neste parágrafo, antes de concluir, vale dizer que não se trata de um sonho, mas de um esboço de proposta a favor da leitura que pode ser incrementado, inclusive com você, caro leitor deste artigo. A união de todos, envolvendo a mídia, é uma arma que pode ser usada para que a leitura aconteça na escola e na vida mais.

Assim, encerra-se aqui a tentativa de ajudar a fomentar a leitura, onde se procurou responder apenas a questão: qual a proposta para que se dê a efetivação do ato de ler na escola? O que pode ser feito na prática para que essa mudança no que diz respeito à leitura aconteça?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui vale relatar que a proposta do artigo, em termos de discussão da realidade e a investigação da vida a partir da leitura da literatura é cabível e fica compro-

vado na própria sala de aula. A partir de um estudo sério de uma obra literária, com algum tempo de trabalho com uma turma de alunos, e elaboração de questões orientadoras criativas e intrigantes, obtêm-se resposta satisfatória.

Os alunos assim podem embrenhar-se nas brechas, por exemplo, de um livro omissivo e produzirem significados próprios dentro da proposta do próprio autor. Eles podem posicionar-se no tempo e além do tempo da narrativa, chamando para si significados e sentidos diversos. Podem discutir o contexto histórico e a própria história em si. Também podem ser motivados a produzirem textos, argumentarem sobre problemas e conflitos humanos que a obra suscita. Por outro lado também podem ser estimulados a produzirem encenações, numa espécie de teatro escolar, criando peças dramáticas motivadas pela produção literária em questão e o conflito na trama que envolve as personagens.

Para tanto, é preciso fazer uma leitura comprometida e séria acontecer. No acontecimento da leitura realizada pelos alunos potencializam-se os motivos para o ensino da literatura, da língua, da sociedade, do pensamento humano e da vida. Tudo numa apreensão maior do código da língua e seus significados, garantindo aí a amplidão da visão de mundo e a incorporação em atividades que podem assegurar ao professor uma interferência escolar mais promissora, passando pela tangente do lugar comum em sala de aula.

Tudo porque a literatura, sendo a arte da palavra que revela a vida e o mundo, está sempre longe de chavões e de visões humanas do demérito. Méritos ao escritor em potencial, ao romancista engajado à vida, méritos ao poeta revelador da realidade em seus versos líricos, épicos ou dramáticos.

Segue a título de comprovação, para finalizar este artigo, uma parte do relatório de uma experiência em sala de aula com Machado de Assis. Trata-se de um anexo com a experiência vivida e venturosa de leitura da literatura profícua. O trabalho relatado aconteceu em sala de aula, em plena intervenção na sala de aula, onde os alunos foram induzidos, por argumentos diversos e meios convencionais e alternativos, a lerem e discutirem a vida e obra Dom Casmurro na vida. Segue o relato da experiência em minúcias, como um anexo deste artigo que procura focar a leitura da literatura como um acréscimo, um recurso, uma carta na manga para profícuas interferências escolares.

Neste relatório aqui exposto, foram colocadas nada mais do que amostras do que foi todo um trabalho em mais de 45 (quarenta e cinco dias) em sala de aula e

fora dela, somando aproximadamente um total de 30 horas/aula, em sala e extra classe. Assim, Machado de Assis foi investigado em três terceiras séries do ensino médio, com mais de 90 alunos, sua obra DOM CASMURRO foi analisada, lida, relida, discutida e interpretada em toda a sua amplitude. O amor por Machado cresceu e o carisma deste escritor cativou a todos os alunos engajados nas atividades.

No final, espera-se que através do presente fique exposto pelo menos um percentual mínimo do que foi feito em sala de aula. Notar bem, que isto aqui exposto em relatório são nada mais que ECOS e REFLEXOS de Machado de Assis e um trabalho modesto sobre sua pessoa e obra (através do FOLHAS DOM CASMURRO: ECOS & REFLEXOS) em aulas de língua portuguesa e literatura.

O trabalho realizado enfocou a obra machadiana dentro do que foi possível focar dentro de uma sala de aula onde muitos alunos não apreciam a leitura da literatura, nem a leitura em si. Desta forma, pelos resultados alcançados com a maioria dos grupos, conforme o demonstrado, o resultado pode ser considerado satisfatório em muitos aspectos.

Os alunos entenderam na obra DOM CASMURRO novos significados para si e para o contexto social, bem como se identificaram com o romance omisso de Machado de Assis. Eles produziram, como propõe o artigo, sentidos para suas vidas através da obra, recriaram sentidos, dramatizaram situações que envolvem a vida das personagens, criaram e recriaram textos diversos, inclusive narrações (daí foi feita uma oficina textual com reestruturações, etc.).

O trabalho, por ser instigado conforme as linhas do artigo que propõe a literatura e sua leitura como recurso para uma melhor interferência escolar, levou os alunos a levantarem suspeitas sobre a vida e a realidade do pensamento do narrador, chegando assim à “paranóia casmurra”. Fizeram isso ligando situações da obra machadiana com a realidade de suas vidas, inclusive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABREU, Casemiro, etc. e tal. ***A descoberta do amor em versos***. FNDE/PNBE -1ª Ed. Companhia Editora Nacional. SP/Brasil, 2003.

ALEXIUS, LÂNGARO e ALVES, Lourdes Vivian; Cleister Schenatto e Lourdes Kaminski. ***O Conto e o Texto Dramático na Formação do Leitor***, Revista Língua&Letras, Vol. 7, Número 12, EDUNIOESTE – UNIOESTE. Cascavel/PR - 2006. Ver p. 163.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Romance brasileiro, ed. da Fundação Nestlé de Cultura. Editora Ática. São Paulo / 1999.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal** (trad. do francês Maria E. G.G. Pereira). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso** . In: —. **Estética da criação verbal** , [trad. francês : Maria Ermantina Galvão; revisão : Marina Appenzeller]. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes , 2000.

DAL MOLIN, Beatriz Helena. art. **Mídia e Conhecimento no Ensino da Literatura**. Revista de Literatura, História e Memória, vol. 1, número 1 – de 2005.

FAUNDEZ, A . **Oralidade e Escrita. Experiências Educacionais na África e na América Latina**. 1987.

LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o Leitor. Textos de Estética da Recepção**. 2ª Ed., São Paulo / SP. Paz e Terra – 2002.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de Redação**. 3ª Ed. brasileira. São Paulo/SP. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. Março – 1989.

SGARIONI, Mariana. **A ciência de viver bem**. Revista Superinteressante. São Paulo, ed. 222. p.48, janeiro – 2006.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**. 11ª ed. São Paulo/SP. Editora Ática, 1994.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A Produção da Leitura Na Escola**. Pesquisas e Propostas. 2ª Ed. Editora Ática 2005.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento na Linguagem**. 1ª Ed. São Paulo / SP. Martins Fontes – 2001.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7ª Edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN e SILVA. Regina & Ezequiel Theodoro da. **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. *Série Fundamentos*. São Paulo – SP. Editora Ática, 1988.

ANEXO₃

PARA UMA CONCLUSÃO PRÁTICA COM MACHADO DE ASSIS

1.

INTERVENÇÃO – PROCEDIMENTO UM.

Uma vez elaborado e aprovado o FOLHAS, as atividades em sala de aula iniciaram no mês de abril de 2008, no C.E.E.C/ Matelândia-PR, envolvendo três terceiras séries do ensino médio da instituição (onde o professor Adalberto leciona pelo quadro QPM); tratam-se das 3^{as}: C – Período da tarde, D e E – Período da noite. Um total aproximado de 100 alunos envolve o corpo discente.

Como trata-se de um material didático sobre a obra de Machado de Assis, no caso DOM CASMURRO, o professor, antes de apresentar a apostila (em grupos de 3,4 e 5 alunos), solicitou e apresentou algumas questões como tópicos para uma pesquisa a ser feita pelos alunos sobre Machado de Assis (vida e obra, bem como aspectos de sua obra).

Alguns pesquisaram na internet, via Google, alguma coisa. Mas os apontamentos gerais da pesquisa sobre Machado de Assis seguiram as explicações e esclarecimentos do Livro de João Domingues Maia, da biblioteca da classe, onde o prof. Adalberto reúne mais de 20 exemplares em seu armário da sala de aula para

utilização de todos. Estes livros sempre são usados para pesquisas de gramática e literatura, o que facilita nas aulas o acesso grátis e fácil a todos os estudantes do ensino médio atendidos pelo docente. Os alunos ali fizeram uma investigação interdisciplinar, pesquisaram, por exemplo, o contexto histórico, geográfico e artístico de Rio de Janeiro da época machadiana.

Os alunos foram orientados à pesquisa sobre Machado de Assis. Escreveram sobre sua vida e sobre sua obra, primeiramente, contaram sua história. Depois o trabalho segue:

INTERVENÇÃO – PROCEDIMENTO DOIS:

Terminada a pesquisa do PROCEDIMENTO UM, o trabalho em sala de aula com o FOLHAS iniciou. Antes foram distribuídos alguns exemplares de DOM CASMURRO, obra do autor, para alunos da classe que se dispuseram a ler. Alguns devolveram logo depois, dizendo que não gostaram da leitura. Pois bem, aí os livros, já que se trata de um trabalho de três terceiras séries, foram distribuídos a outros alunos que mostraram-se interessados. Isso ocorreu tão logo foram realizadas as leituras de todos os capítulos de DOM CASMURRO, escolhidos no FOLHAS. Houve assim maior interesse, talvez devido aos comentários do professor (Adalberto) e discussões feitas com as turmas.

Tudo veio à tona. Professoras de História e Geografia foram envolvidas e indicaram, para a devida interdisciplinaridade, fontes de pesquisa sobre o Rio de Janeiro da época e seus aspectos geográficos, históricos, artísticos, sociais e políticos.

Logo depois dessas e outras, iniciou-se o trabalho, com os alunos um pouco mais familiarizados com Machado de Assis, o RJ e o Brasil da época, e a sociedade brasileira, Foi a aplicação do folhas DOM CASMURRO: ECOS & REFLEXOS, de autoria de Adalberto José Petry, professor PDE, sob a orientação da Ms. Clarice Braatz Shmidt Neukirchen, do campus da UNIOESTE de

³ Atividades em sala de aula, material didático DOM CASMURRO: ECOS E REFLEXOS, do autor professor do QPM da SEED/Governo do Paraná, Adalberto José Petry, aplicado através do PDE nas séries terceiras do Ensino Médio, de abril a maio de 2008, no CEEC, Colégio Estadual Euclides da Cunha – Matelândia – PR.

Cascavel.

ECOS & REFLEXOS de Dom Casmurro

INTERVENÇÃO – PROCEDIMENTO TRÊS:

A seguir, fomos à prosa de M. de Assis. Notando que a nossa excursão pela sua obra começara. O livro *DOM CASMURRO* foi escrito em 1900, oito anos antes da morte do autor. Este livro é muito comentado pela crítica. Por que será? Por que será e que tipo de livro é este, que sua interpretação causa tanta polêmica? Será que o autor escrevia bem demais ou o que havia demais? Afinal, quais seriam as marcas deste famoso e precioso literato contundente, que mobiliza na atualidade ainda, todo o contingente crítico literário e autoridades do assunto? Vamos ver em sua própria pena, em seus próprios escritos retirados de *Dom Casmurro* diretamente. Será ou não será de tirar o chapéu? Por que será? Na passagem que segue o narrador acabara de explicar o título, o porquê de "Dom" e de "Casmurro", sendo Dom pela autoridade de senhor do narrador, e pelo tom patriarcal da época, e Casmurro devido a ser um indivíduo amuado, ou seja, durão, emburrado. Vamos conferindo o que este nos diz de sua obra em questão e análise:

II – DO LIVRO

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de *César*, *Augusto*, *Nero* e *Massinissa*², com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às a-

migas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêm na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios*, menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do *Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras ... ?*

Fiquei tão alegre com esta idéia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 13).

OBS: Após a leitura completa, em voz alta e em silêncio, com exposições e comentários a parte, bem como mesa redonda e discussões, os grupos foram orientados e encaminhados a resolverem as questões propostas no FOLHAS. Os professores de história, geografia e a internet foram mobilizados, bem como diversos livros.

ATIVIDADES IMEDIATAS (Após ler uma vez em silêncio, que é de praxe; outra em voz alta).

1. Hoje existe a mesma cultura da época? Os tempos mudaram, o que há na noite carioca hoje e que jamais haveria naqueles outros tempos e que envolve a questão da segurança pública?

Alunos: A cultura mudou e muito. Na noite carioca há baladas, danças até mesmo sensuais, bebidas, o que requer muito mais a questão de segurança, pois como a noite é agitada precisa de uma segurança para todos.

Alunos: De lá para cá ouve mudança total na cultura da cidade, tornou-se mais popular. Hoje o Rio de Janeiro é conhecido como capital do funk, mesmo estilo musical associado com a sensualidade e a violência da cidade que, por diversas vezes foi retratado na mídia. E o tráfico de drogas que gera uma guerra civil urbana camuflada existente no Rio de Janeiro.

Alunos: A cultura evoluiu muito, não tinha futebol, TV, cinema. Tinha teatro e cafés.

2. E a questão de *Dom Casmurro* ainda estar viva (a obra), em tão diferentes contextos históricos e geográficos. O que faz desta obra uma produção literária que sobrevive ao tempo, ou seja, atemporal?

Alunos: O que faz dessa obra uma produção literária, é que retratou o interior do ser humano, a alma do homem, a vida em profundidade, que sobrevive até hoje.

Alunos: Porque ele, Machado, trata de assuntos da vida interior do homem, de seus sentimentos, ódio, amor, traição, aspectos universais da vida urbana.

3. Sobre a questão da leitura, em que dá para dizer que Machado de Assis, lendo a sua obra, é um grande exemplo para todos hoje? Seria isto a causa de seu triunfo, mesmo apesar de sua pouca escolaridade? Opine um parágrafo de sete a dez linhas sobre M. de Assis e seus exemplos de bom leitor como fatores prováveis de seu triunfo na vida.

Alunos: É um grande exemplo, porque aprendeu a ler sozinho, é um exemplo na leitura, venceu as dificuldades, é muito importante na leitura, Machado mobilizou a crítica e levou o nome do Brasil para o estrangeiro.

Alunos: Sem dúvida que o fato de Machado de Assis ler foi a causa principal do seu êxito, embora não tendo muito tempo de escolaridade. O seu tempo de leitura o ensinou o que muitos ainda não conseguiram compreender e desvendar por certo o que ele quis dizer, motivo esse que qualquer faculdade, mestrado doutorado, não podem fazer o que uma ótima leitura pode fazer.

Alunos: O M. de Assis venceu na vida por ser grande leitor, por ele não ter boas condições de vida ser pobre, a única esperança que ele tinha de aprender mais era lendo as grandes obras literárias da época, e com isto ele ganhou muito conhecimento, se tornando um dos principais escritores do mundo.

4. E você? O que você acha e pode dizer a respeito da leitura e o êxito dos cidadãos na vida social hoje? Comente em três a dez linhas sobre: LEITURA e suas relações prováveis para o TRIUNFO NA ESCOLA E NA VIDA fora dela.

Alunos: Sem leitura nada somos. A leitura nos conduz ao caminho do sucesso. Através da leitura conhecemos culturas, línguas, mitos, pensamentos, histórias e acima de tudo o auto conhecimento. Viaja-

mos sem sair de casa, ou de qualquer outro lugar. Do começo até o fim de nossa vida usaremos a leitura, ela é fundamental para tudo; a base para um bom aprendizado.

Alunos: Hoje ser um bom leitor é mais importante que ter um diploma, pois muitos até têm o curso, diploma etc, mas na hora da prova real da vida são reprovados. Hoje, como nos dias de Machado de Assis, a leitura é super-importante, pois com ela tudo se torna mais fácil, seja no triunfo escolar, ou na vida onde você poderá chegar no topo com menos dificuldade, resumindo: para ter sucesso basta ser um bom leitor assíduo dos mais diversos assuntos.

Alunos: Na minha opinião, a melhor forma de ganhar mais conhecimento é lendo muito, por que com a leitura você abre conhecimento e hoje em dia aquele que lê tem mais chance de ser alguém na vida, porque com a leitura você se torna um grande conhecedor.

OBS: Notar que nas respostas os alunos localizaram-se nas diferentes épocas, entenderam a importância da leitura em qualquer tempo e legaram a ela o êxito da obra de Machado de Assis. Posicionaram-se assim unânimes a favor da boa leitura para o êxito na vida e também na escola.

INTERVENÇÃO – PROCEDIMENTO QUATRO:

Neste parte, foram feitas leituras e discussões. Após as respostas foram elaboradas e digitadas por cada um dos grupos. Segue a exposição da atividade do próprio Folhas:

LIX – CONVIVAS DE BOA MEMÓRIA

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem boa memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas idéias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 89).

ATIVIDADES BREVES (Ler e entender; e assim mais se entender)

1. Numa análise da linguagem do capítulo acima, LIX, e nos dizeres do narrador, a que tipo de livro o escritor a fazer se propõe? Por quê? O que esses livros omissos contém? Como se comporta o escritor para prender o leitor, ou para desafiá-lo? Quais seriam seus recursos?

Alunos: Ele acha que o leitor terá que prender o livro com a sua imaginação, ele deixa a obra em aberto para o leitor e desafiá-lo. O recurso é deixar a obra em aberto para o leitor achar a resposta.

Alunos: O livro incompleto, aberto para que os leitores tomem suas próprias conclusões, julgamentos, raciocínios, avaliações, argumentos.

Alunos: Ele se propõe a fazer um livro de reflexão que pudesse contemplar tudo aquilo que não encontra nos livros que leu, ou seja, os rios, as montanhas as igrejas. Porque ele os considera livros omissos e confusos que não atraem os leitores, ao contrário, ser perfeito para o desestímulo a leitura. Esses livros são reminiscências, ou seja, são recheados de passado, coisas que o narrador não lembra, pois segundo seu relato, não tem boa memória. Quando lemos algo que não é atrativo, não devemos nos afligir. Devemos imaginar tudo aquilo que de bom, deixou de ser escrito e deixar que nossa imaginação possa fluir. Como o livro é falho, preencha minhas lacunas com as falhas alheias.

Alunos: Ele se propõe a fazer uma obra aberta, para deixar brechas e vazios que levem o leitor as suas próprias conclusões uma obra ou livro omissos desafiante para o leitor. Fazendo o leitor pensar ou ficar em dúvida não achado as respostas.

OBS: Nestas atividades, está claro, os alunos entenderam a importância das obras literárias abertas, onde sua participação, como bons leitores, é povoá-las de sentidos. Assim, devidamente instigados, perceberam o impacto dos livros omissos no leitor, onde este buscará ali a própria identificação, a própria visão de mundo e chegaria às suas próprias conclusões, metamorfoseado na abertura das obras autênticas.

INTERVENÇÃO – PROCEDIMENTO CINCO

CXIII – EMBARGOS DE TERCEIROS

Por falar nisto, é natural que me perguntes se, sendo antes tão cioso dela, não continuei a sê-lo apesar do filho e dos anos. Sim, senhor, continuei. Continuei, a tal ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me en-

chia de terror ou desconfiança. É certo que Capitu gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim (disse-me uma senhora, um dia) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê.

A senhora que me disse isto cuida que gostou de mim, e foi naturalmente por não achar da minha parte correspondência aos seus afetos que me explicou daquela maneira os seus olhos teimosos. Outros olhos me procuravam também, não muitos, e não digo nada sobre eles, tendo aliás confessado a princípio as minhas aventuras vindouras, mas eram ainda vindouras. Naquele tempo, por mais mulheres bonitas que achasse, nenhuma receberia a mínima parte do amor que tinha a Capitu. À minha própria mãe não queria mais que metade. Capitu era tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela. Ao teatro íamos juntos; só me lembra que fosse duas vezes sem ela, um benefício de ator, e uma estréia de ópera, a que ela não foi por ter adoecido, mas quis por força que eu fosse. Era tarde para mandar o camarote a Escobar; saí, mas voltei no fim do primeiro ato. Encontrei Escobar à porta do corredor.

- Vinha falar-te, disse-me ele.

Expliquei-lhe que tinha saído para o teatro, donde voltara receoso de Capitu, que ficara doente.

- Doente de quê? perguntou Escobar.

- Queixava-se da cabeça e do estômago.

- Então, vou-me embora. Vinha para aquele negócio dos embargos ...

Eram uns embargos de terceiro; ocorrera um incidente importante, e, tendo ele jantado na cidade, não quis ir para casa sem dizer-me o que era, mas já agora falaria depois ...

- Não, falemos já, sobe; ela pode estar melhor. Se estiver pior, desces.

Capitu estava melhor e até boa. Confessou-me que apenas tivera uma dor de cabeça de nada, mas agravara o padecimento para que eu fosse divertir-me. Não falava alegre, o que me fez desconfiar que mentia, para me não meter medo, mas jurou que era a verdade pura. Escobar sorriu e disse:

- A cunhadinha está tão doente como você ou eu. Vamos aos embargos. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 150).

INTERPRETAÇÃO (Para ler mais e entender a lição).

1. No texto, que deve ter sido lido e relido, em silêncio e em viva voz, o narrador, Bento Santiago, passa por um momento em que quase dá um flagra em sua mulher, Capitu, com o amigo Escobar, ao retornar da ópera mais cedo. Certo ou errado? Em que ele se fundamenta? Qual seria o significado oculto de “Terceiros”?

Alunos: Certo. Fundamenta-se no que viu, na desconfiança, pois Capitu tinha um segredo com Escobar e Bentinho desconfiava que eles seriam amantes. O significado oculto seria que eles somente teriam uma relação de amizade, e também como se eles fossem cúmplices em algum segredo.

Alunos: Errado, ele encontrou Escobar a porta do corredor, mas ele se fundamenta no fato de Capitu querer que ele fosse a ópera a força sem ela, pois se queixava da cabeça e do estômago.

2. A traição está evidente neste capítulo, ou seriam os ciúmes do narrador, numa época em que as mulheres eram muito reprimidas e sem permissividade, numa sociedade patriarcal? Explique e dê a sua opinião. Você acha que chegar em casa e encontrar lá o melhor amigo saindo ou chegando, seria uma evidência de traição da esposa ou companheira?

Alunos: a traição não está evidente, mas deixa certa desconfiança no ar, pelo fato de Capitu esconder de Bentinho a presença de Escobar em sua casa.

Não seria uma evidência, mas seria uma possibilidade. Escobar poderia ter ido até lá procurar Bentinho, e Capitu pode tê-lo convidado para um café ou algo assim, Escobar também poderia estar passando por ali e resolveu fazer uma visita ao amigo e Capitu pode ter fadado para esperar Bentinho chegar.

Mas poderia sim ter ido até lá para ver Capitu, pois talvez Escobar até soubesse que Bentinho estaria na ópera e Capitu estaria sozinha em casa. Então são várias possibilidades, encontrar o amigo saindo ou chegando em sua casa, poderia ser sim uma evidência de traição, mas ao mesmo tempo, poderia não ser.

Alunos: Não, seriam com certeza os ciúmes em demasia dele numa época em que uma mulher que era vista com um outro homem que não fosse o seu companheiro já era motivo de dizer que o estava traíndo.

3. Naquele tempo, Bentinho à noite ia ao teatro, à ópera, e na volta surpreendia o amigo em visita a sua mulher, Capitu. Fosse nos dias atuais, considerando o que oferece a vida noturna de hoje no RJ, de onde ele poderia estar regressando? Comente.

Alunos: Bom, ele poderia estar regressando de vários lugares, pois a noite no Rio de Janeiro hoje em dia oferece várias opções; ele poderia estar em uma boate, em um barzinho bebendo com os amigos, em um bom restaurante jantando, poderia também estar voltando de um encontro com outra (sua amante).

Mas ele poderia realmente estar voltando da ópera e do teatro, pois no Rio de Janeiro, mesmo nos dias atuais ainda existem estes eventos.

Alunos: Hoje poderia estar vindo da escola de samba, do estádio, cinema, museu, teatro de uma apresentação musical de um baile funk, etc.

4. Comparando Capitu, há 107 anos atrás, e as mulheres nos dias atuais, há algum exagero no comportamento desta que denote ser a mesma uma adúltera na sua época? O marido Bentinho estaria certo em desconfiar tanto? Ou

melhor seria nem pensar no assunto, sem outros fatos mais evidentes comprovadores de traição? Fosse você Bento Santiago, o que pensaria sobre isso?

Alunos: Não, pois ela poderia somente estar fazendo sala para o amigo de seu marido. Sim ele estaria certo sim em desconfiar, pois quando a gente gosta todo cuidado é pouco. Sim ele fez certo, pois talvez se esperasse até ter fatos evidentes de traição poderia acontecer algo entre os dois que até aquele momento não havia existido. Se eu fosse Bento Santiago, eu antes de tirar minhas próprias conclusões investigaria, pois eu poderia magoar minha esposa sendo ela uma mulher fiel.

Alunos: Na época de Capitu, o comportamento dela seria mais do que um motivo para apontá-la como adúltera; mas hoje, depende de quem avaliar a situação. Dados os motivos que ela fez para ficar sozinha, se não fosse os mesmos não haveria nenhum motivo para tanta desconfiança.

5. Nos dias de hoje, existem casos semelhantes ao de Bento e Capitu, em que o marido, por ser excessivamente ciumento, suspeita que a esposa seja adúltera? Narre um caso que você conheça ou ouviu no seu bairro, na sua vizinhança, na cidade, ou leu numa notícia nas páginas dos jornais.

Alunos: sim, existe. O pai de um amigo meu é excessivamente ciumento e suspeita que sua esposa tenha um amante, mas é tudo fruto de sua imaginação por culpa de sei ciúme doentio.

Alunos: sim, a minha cunhada casada com meu irmão era muito ciumenta e um dia falaram para ela que meu irmão estava traindo ela e foi aquela confusão, pois ela era muito ciumenta e acreditava em tudo o que os outras falavam, mas agora todo mudou e não é mais assim e os dois estão muito felizes.

OBS: os alunos aqui descobriram sentidos, povoaram a obra lida de sentidos, identificaram suas razões e argumentaram sobre a desconfiança e a causa da traição em aberto. Colocaram em xeque a própria traição e a suspeita de traição, contrapondo com casos da vida real. Também narraram traições e contaram histórias de adultérios, com as quais foi possível fazer uma oficina de redação com reestruturação textual.

ATIVIDADE TEATRAL (Sugestionar para agitar)

- a) Organize com a classe uma encenação do **juízo de Capitu**. Considerando que Bento Santiago é um advogado, a obra apresenta-se como um julgamento em que Capitu é a Ré e Bentinho o advogado de acusação. O leitor,

e os demais alunos da sala por, sua vez, é o corpo de jurados. Capitu, culpada ou inocente? Traiu ou não traiu? Qual a sua pena pelo “crime” cometido? Elabore as cenas e bom trabalho. Todos têm que discutir e se expressar e participar: advogado de acusação, de defesa, testemunhas, promotor e jurados que irão votar no final.

OBS: Nesta parte, os alunos fizeram dramatizações das mais diversas, sempre envolvendo a questão da traição, culpabilidade ou inocência de Capitu. Foi uma festa na sala de aula, um festival de teatro muito profícuo em argumentação, encenação, redação, expressão e comunicação.

INTERVENÇÃO – PROCEDIMENTO SEIS

CVI – DEZ LIBRAS ESTERLINAS

Já disse que era poupada, ou fica dito agora, e não só de dinheiro mas também de coisas usadas, dessas que se guardam por tradição, por lembrança ou por saudade. Uns sapatos, por exemplo, uns sapatinhos rasos de fitas pretas que se cruzavam no peito do pé e princípio da perna, os últimos que usou antes de calçar botinas, trouxe-os para casa, e tirava-os de longe em longe da gaveta da cômoda, com outras velharias, dizendo-me que eram pedaços de criança. Minha mãe, que tinha o mesmo gênio, gostava de ouvir falar e fazer assim.

Quanto às puras economias de dinheiro, direi um caso, e basta. Foi justamente por ocasião de uma lição de astronomia, à praia da Glória. Sabes que alguma vez a fiz cochilar um pouco. Uma noite perdeu-se em fitar o mar, com tal força e concentração, que me deu ciúmes.

- Você não me ouve, Capitu.

- Eu? Ouço perfeitamente.

- o que é que eu dizia!

- Você ... você falava de Sírius .

...:- Qual, Sírius, Capitu. Há vinte minutos que eu falei de Sírius. - Falava de ... falava de Marte, emendou ela apressada.

Realmente, era de Marte, mas é claro que só apanhara o som da palavra, não o sentido. Fiquei sério, e o ímpeto que me deu foi deixar a sala; Capitu, ao percebê-lo, fez-se a mais mimosa das criaturas, pegou-me na mão, confessou-me que estivera contando, isto é, somando uns dinheiros para descobrir certa parcela que não achava. Tratava-se de uma conversão de papel em ouro. A princípio supus que era um recurso para desfadarmos-me, mas daí a pouco estava eu mesmo calculando também, já então com papel e lápis, sobre o joelho, e dava a diferença que ela buscava.

- Mas que libras são essas? perguntei-lhe no fim.

Capitu fitou-me rindo, e replicou que a culpa de romper o segredo era minha. Ergueu-se, foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas.

- Tudo isto?

- Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar, em

alguns meses, concluiu fazendo tinir o ouro na mão.

- Quem foi o corretor?

- O seu amigo Escobar.

- Como é que ele não me disse nada?

- Foi hoje mesmo.

- Ele esteve cá?

- Pouco antes de você chegar; eu não disse para que você não desconfiasse.

Tive vontade de gastar o dobro do ouro em algum presente comemorativo, mas Capitu deteve-me. Ao contrário, consultou-me sobre o que havíamos de fazer daquelas libras.

- São suas, respondi.

- São nossas, emendou.

- Pois você guarde-as.

No dia seguinte, fui ter com Escobar ao armazém, e ri-me do segredo de ambos.

Escobar sorriu e disse-me que estava para ir ao meu escritório contar-me tudo. A cunhadinha (continuava a dar este nome a Capitu) tinha-lhe falado naquilo por ocasião da nossa última visita a Andaraí, e disse-lhe a razão do segredo.

- Quando contei isto à Sanchinha, concluiu ele, ficou espantada: "Como é que Capitu pode economizar, agora que tudo está tão caro?" - "Não sei, filha; sei que arranjou dez libras".

- Vê se ela aprende também.

- Não creio; Sanchinha não é gastadeira, mas também não é poupada; o que lhe dou chega, mas só chega.

Eu, depois de alguns instantes de reflexão: - Capitu é um anjo!

Escobar concordou de cabeça, mas sem entusiasmo, como quem sentia não poder dizer o mesmo da mulher. Assim pensarias tu também, tão certo é que as virtudes das pessoas próximas nos dão tal ou qual vaidade, orgulho ou consolação. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 141).

ATIVIDADES DE LEITURA (Para melhor ler a literatura)

1. Neste capítulo das libras esterlinas, fica evidente uma coisa em relação a Escobar e Capitu. O que é? Comente?

Alunos: O segredo do dinheiro economizado.

Alunos: A cumplicidade, um acordo secreto sobre o dinheiro. É um acordo que tinha um segredo entre os dois.

2. Você, como leitor, como vê a relação de cumplicidade entre Escobar e Capitu neste capítulo? Dá para suspeitar de ambos?

Alunos: Se ele tem um acordo de dinheiro entre outros acordos.

Alunos: Sim, por que o segredo entre duas pessoas gera a cumplicidade e isso pode causar muita suspeita entre os dois.

3. Escobar faz o papel de corretor de dez libras esterlinas a Capitu. O fato de ocultar isto de Bentinho seria um motivo justo de suspeita de traição? Como você se comportaria num caso semelhante?

Alunos: Não, eu suspeitaria a não ser que ele tivesse feito uma surpresa pra mim.

Alunos: Eu desconfiaria muito e iria investigar os dois para ver se não havia outros segredos íntimos entre eles.

4. Bentinho, diante das suspeitas de traição da mulher com o amigo Escobar, porta-se de forma correta? Comete exageros? Fosse você, o que faria?

Alunos: Forma correta; investigaria para ter para ter certeza se havia traição ou não.

Alunos: Ele se comporta bem, exagera só no pensamento. Eu faria com que os dois vivessem o mais longe um do outro, e daria uma lição em Capitu e iria pressionar para ver se ela parava com isso, que não me agradava.

OBS: Aqui os alunos posicionam-se diante da cumplicidade entre Capitu e Bentinho, questionam e suscitam a própria suspeita de traição devido ao acordo secreto entre ambos por uma correção de dinheiro poupado.

CXXIII – OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas ...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a tinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse trazer também o nadador da manhã (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 160).

ATIVIDADES FINAIS (Para finalizar e deixar sem terminar)

1. Bentinho surpreende a mulher encarando, com olhos de ressaca, o amigo Escobar defunto no caixão, morto afogado. Teria sentido o ciúme ali demonstrado por Bentinho, em vez de chorar a perda do amigo, numa ocasião tão séria? Não seria um abuso de sua parte e desconsideração para com o morto? Leia o capítulo e comente.

Alunos: Pra que ter ciúmes se o homem estava morto, o que está em jogo é as suspeitas.

Alunos: Bentinho sente ciúmes ao surpreender a mulher a encarar o morto, pois para ele a traição não era certeza, (em sua paranóia). No entanto não há mais nada a fazer. Sentir ciúmes de um morto é loucura. Ele podia sentir-se até contente a ver o amigo que (em sua loucura) o traiu estando morto.

Alunos: Se Bentinho está desconfiado de Capitu, não tinha por que não ter ciúmes naquela hora, apesar de estar tudo acabado ele fica com ciúmes da mulher pelo cadáver.

2. Na ocasião do velório, se Capitu amasse mesmo Escobar, por que será que conteve as lágrimas? Fica claro que não esconderia suas lágrimas caso não tivesse um caso com o amigo falecido? O que você acha?

Alunos: As lágrimas não revelam nada, se houve exagero nas lágrimas ai sim ela tinha algo com o falecido.

Alunos: Por respeito à mulher de Escobar e ao seu próprio marido, pois ainda é casada. Em ambos os casos ficam meio confusos um sentimento de amante e de amizade, ambos teriam lágrimas.

Alunos: Eu acho que ela poderia ter um caso com ele, e mesmo depois de morto ela queria esconder de todos e por isso tentou disfarçar seus sentimentos tentando esconder suas lágrimas.

3. Quem leu a história sabe que a semelhança entre o filho de Bentinho e Capitu, Ezequiel, e seu amigo, Escobar, colabora para que o personagem desconfie mais ainda de sua esposa. Esta semelhança seria verdade ou poderia ser resultado do ciúme, sentimento que costuma turvar a visão humana? Fosse hoje, com o uso da medicina e da ciência, como poderia se resolver a paranóia de *Dom Casmurro*? Pense, reflita e explique.

Alunos: Se fosse aos nossos tempos tinha que fazer exame de DNA.

Alunos: Acho que é paranóia dele não tem como perceber semelhança entre as pessoas, hoje isso poderia ser resolvido através de um exame de DNA e a história de Dom Casmurro seria resolvida mais facilmente.

Alunos: Se a semelhança fosse o motivo para desconfiança hoje teríamos a medicina com questão do DNA, que assim explicaria tudo.

4. Por último, para tentar descobrir se Capitu traiu mesmo ou não, retirar *Dom Casmurro* da biblioteca, ler e contar aos colegas da classe, discutindo em mesa redonda.

Alunos: Ler e interpretar direito acabaria com o mistério?

Alunos: Não é fácil, eu já li e reli algumas partes, e até hoje nada posso afirmar com certeza. O próprio escritor Machado disse, ao dizer que escrevia uma obra aberta, um livro omisso, que a interpretação ia depender da gente.

OBS: Pode-se assim aqui ver que os alunos levantam, entre outros, após discutirem ou não a traição, a questão da ambigüidade da obra. Na contextualização da problemática da obra e suspeita de adultério entre Capitu e Bantinho, frente à realidade de hoje, fica o posicionamento de que um exame de DNA poderia ajudar a elucidar o caso.

Agradecimentos

Este trabalho de pesquisa e esta experiência profícua e tentadora com leitura da literatura na escola pública só foram possíveis graças ao governo do Paraná, através dos tutores do PDE implantado em 2007, UNIOESTE – Campus de Cascavel/Rondon, e seus doutores e mestres educadores, principalmente à Ms. Clarice Braatz Schmidt Neukirchen; **a estes ficam os agradecimentos e a devida dívida pelos méritos**, e em especial ao Governador Requião pela iniciativa do Programa de Desenvolvimento Educacional no estado do Paraná em seu governo; ***Deus lhes pague!***